



Flores Para Virginia Woolf

Jornada do Centenário de *Mrs Dalloway*



CADERNO DE RESUMOS





Impressões de um dia de verão em Londres

Sandra Vasconcelos
(USP)

A palestra tem como objetivo ler *Mrs Dalloway* na sua relação com a estética pós-impressionista, explorando as ideias sobre ficção registradas em seu diário e apresentadas nos ensaios e mobilizadas no romance de 1925. A preocupação com a forma, central para Virginia Woolf, encontra um campo fértil nas técnicas dos pintores pós-impressionistas pela combinação do que o pintor e crítico de arte Roger Fry definiu como "*vision*" e "*design*", princípios perseguidos por Woolf e realizados magistralmente na narrativa das andanças de Clarissa Dalloway pelas ruas de Londres em um dia de verão.





Traduzindo *Mrs Dalloway* em seu Centenário: deslocamentos

Ana Carolina Mesquita
(UNICAMP/KEW)

Desorientar a identidade e a cultura próprias a fim de se abrir para influências estranhas ou estrangeiras (*étrangères*) e perturbar a economia etnocêntrica e logocêntrica da literatura foi algo de crucial importância para o projeto modernista, conforme observa Bernard (2015). A presente comunicação pretende discutir algumas das implicações de traduzir *Mrs Dalloway* cem anos depois de seu lançamento – este que é possivelmente o romance mais conhecido de uma das maiores escritoras canônicas de língua inglesa do século XX, Virginia Woolf – para uma língua e uma cultura não canônicas, o português brasileiro, e, importantly, de fazê-lo após diversas celebradas traduções nesse idioma. Para tanto, proponho a noção de deslocamento (NOUSS, 2021), como eixo principal da discussão, considerando, em primeiro lugar, modos como a própria etimologia da palavra tradução a um só tempo convocam tal ideia (do latim, *traductio*, “passagem, decurso”, vindo de *translatio*, “transferir, conduzir para mais além”) e a enfrentam, ensejando questionamentos como o que exatamente se converte no processo, o que se conduz para mais além, como e para quem. Segundo, com base no pressuposto de que a arte contemporânea se fundamenta em grande medida sob as bases da apropriação e do deslocamento (tão caros historicamente, por sua vez, ao ato da tradução), e de que também o pensamento da crítica e da *poiesis* literárias da contemporaneidade se constitui sobre noções de apropriação (notadamente do cânone) e de deslocamento (de vozes, teorias, territórios, representações), busco elaborar acerca de caminhos empreendidos na minha tradução de *Mrs Dalloway* em 2025, a partir tanto dos deslocamentos ensejados a partir de meu corpo a corpo com este romance, como do próprio horizonte de deslocamentos verificados na crítica atual sobre a literatura de Virginia Woolf, que problematizam abordagens críticas já cristalizadas de sua obra.





A temporalidade da doença em *Mrs Dalloway*

Maria Rita Drumond
(UFOP/KEW)

A presente proposta de comunicação parte dos estudos de Jane Fischer (2012) e Elizabeth Outka (2020) para refletir sobre as alterações na percepção e vivência do tempo pela personagem epônima em *Mrs Dalloway*. Expandindo a caracterização de John M. Barry (2020) das “calamidades-irmãs” que foram a Grande Guerra e Grande Gripe, buscamos explorar como a sobrevivência a estes traumas coletivos alteram a perspectiva e a vivência do tempo no romance que, famosamente, se passa em apenas um dia. *Mrs Dalloway* retrata em mais de uma forma a continuidade das trajetórias de Clarissa Dalloway e de Septimus Warren Smith como sobreviventes, respectivamente, da Grande Guerra e da Grande Gripe. Na parte final do romance, a reflexão desencadeada pela notícia do suicídio de Septimus opera uma mudança em Clarissa, que se distancia do espaço público da sala e de sua função como anfitriã e socialite para isolar-se em outro quarto. Sozinha, ela considera a “loucura” (sua e de Septimus) e renova seu desejo de viver. Trata-se aqui de uma inversão da continuidade do trajeto que ambos traçam no mapa do centro de Londres. Embora Clarissa em nenhum momento encontre-se pessoalmente com o seu duplo, seus caminhos se completam, dado que ambos se movimentam na direção sul-norte: ele parte para o Regent’s Park do mesmo ponto em que ela encerra sua caminhada matinal. Quando Septimus interrompe sua vida, Clarissa pode continuar a sua, ao reconhecer no jovem um tipo de alma-gêmea e na velha senhora da casa em frente, um futuro possível.





***Freshwater e Mrs Dalloway:* a escrita trágico-cômica modernista de Virginia Woolf**

Victor Santiago
(UFAC/KEW)

Enquanto escrevia *Mrs Dalloway* em 1923, Virginia Woolf interrompeu temporariamente o romance para compor *Freshwater* (1923), peça cômica concebida como entretenimento privado para uma festa em família. No centenário da publicação de *Mrs Dalloway* (1925), esta comunicação propõe reler esse marco da ficção modernista em diálogo com a farsa frequentemente relegada à margem da crítica woolfiana, evidenciando como ambas as obras respondem, de forma crítica e inventiva, à tradição: aos valores vitorianos, aos traumas da Primeira Guerra Mundial e da gripe espanhola, e às normas patriarcais que cerceiam os modos de existência. Se *Freshwater* opera pela farsa e pelo deboche, desmontando os mitos da arte monumental e da masculinidade genial, *Mrs Dalloway* explora os silêncios e as tensões subjetivas do pós-guerra e do pós-pandemia atravessadas por memória, dor e contenção que também colocam em xeque imperativos patriarcais. Tragédia e comédia, assim, longe de se oporem, são aqui compreendidas como formas estéticas complementares de acesso às feridas históricas e às estruturas que sustentam desigualdades. Propõe-se, assim, uma leitura integral da poética de Woolf, em que o riso não se distancia da dor, mas a absorve como força crítica e constitutiva de seu projeto literário e feminista.





Para dar forma a uma comunidade queer: a escavação enquanto método

Davi Pinho
(UERJ/KEW)

Em seu diário, Virginia Woolf nos diz que, no processo de escrita de *Mrs Dalloway*, ela descobriu o método da “escavação”: como criar túneis entre as personagens, perfurando tanto a superfície temporal quanto a superfície espacial do romance — ou seja, esburacando a quarta-feira de junho que reúne diversas vozes em Londres no plano formal.

Proponho, aqui, levar a sério essa descoberta para pensar de que maneira a escavação permite que comunidades queer contingentes figurem no texto — mesmo quando a concretude dessas comunidades é barrada no plano da ação. Resistindo a tomar a obra meramente como representativa do “romance de um dia”, ou a limitar a técnica woolfiana a leituras teorizadas daquilo que seria uma representação do “fluxo de consciência”, que não se concretizaria de fato em sua escrita, me interessa pensar como os túneis cavados em direção ao passado, via memória, e ao futuro, via desejo, desestabilizam a representação da cidade enquanto uma comunidade imperialista normativa, forjada pelo heteropatriarcado colonial. Seu método insiste, ao contrário, na redenção ou na criação de comunidades alternativas, mesmo que elas sejam limitadas pelo campo de ação oferecido às personagens naquele lugar e tempo.

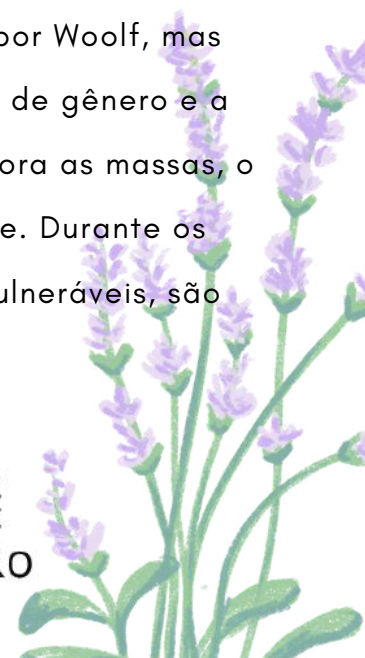




Ecologia dissidente em *Mrs Dalloway*

Maria Aparecida Oliveira
(UFPB/KEW)

Woolf mergulha em uma profunda consciência ecológica na grande maioria de seus romances e contos. Ao escrever sobre a ecologia dissidente em *Mrs Dalloway*, as principais questões são: i. Quem são os dissidentes no romance? Como eles se movimentam e ocupam os espaços e como eles são representados em relação à natureza? Como Woolf constrói sua ecologia dissidente? Elisa Kay Sparks, em seu artigo, ““Whose Woods These Are”: Virginia Woolf and the Primeval Forests of the Mind”, em busca das flores e florestas em Woolf, encontra no mundo natural o locus perfeito para discutir sobre a guerra e a paz. Durante as duas grandes guerras, Woolf estava claramente escrevendo sobre o “mundo real”, como Alex Zwerdling aponta em seu livro, chamando a atenção para as mãos invisíveis que servem o jantar em *Mrs Dalloway* ou a invisibilidade de Mrs. McNab em *To the Lighthouse*. Enquanto em “Woolf and the Anthropocene”, Peter Adkins investiga por meio dos “estratos geológicos, as implicações sociais e ecológicas das mudanças climáticas” e as interações entre a agência humana e não-humana. Em “Empire, Slavery and Capitalism”, editado por Clara Jones como um capítulo de *Virginia Woolf and Capitalism*, Anna Snaith interroga a economia capitalista em *The Voyage Out* e seu impulso para colonizar, explorar e dominar. Esta análise se concentrará não apenas na pobreza e seus dissidentes na sociedade capitalista e patriarcal representada por Woolf, mas também em como o capitalismo e machismo afetam a igualdade de gênero e a justiça ambiental, em uma sociedade industrial e imperialista explora as massas, o ambiente e as mulheres, com a mesma intensidade e ferocidade. Durante os desastres ecológicos, os pobres e as mulheres, enquanto mais vulneráveis, são aqueles que mais sofrem nessas situações.

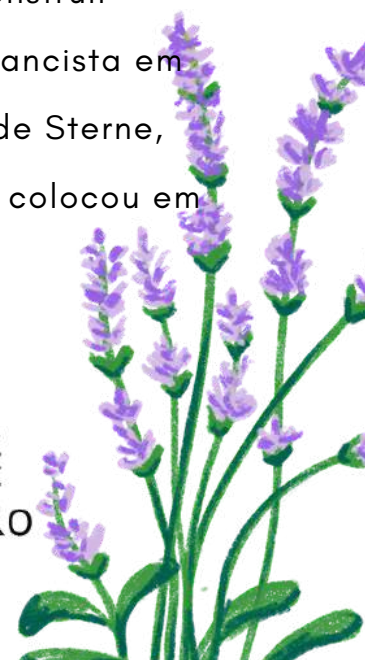




Laurence Sterne, o precursor dos modernos, nos ensaios de Virginia Woolf

Nicea Nogueira
(UFJF/KEW)

Este estudo aborda quatro ensaios de Virginia Woolf sobre Laurence Sterne, escritor anglo-irlandês que marcou, indelevelmente, o romance inglês do século XVIII. Além dos textos dedicados exclusivamente à discussão de sua obra e vida, Woolf trouxe Sterne para a própria página, sendo essa de romance, de diário ou de suas cartas. Em seus volumes de crítica literária, Woolf considera Sterne como um grande escritor. Acreditava que ele estaria muito mais íntimo do leitor do século XX do que seus grandes contemporâneos. Por isso, nomeia-o como “precursor dos modernos”, já que Sterne se interessava mais pelo silêncio do que pelo discurso. Mesmo quando se irrita com o sentimentalismo escorregadio de Sterne, os elogios para a escrita do autor de *Tristram Shandy* e *Viagem Sentimental* eram genuínos e chegou a afirmar que era um “estilista supremo”. Os ensaios woolfianos sobre Sterne nos permitem compreender o método que a autora usava para escrever textos críticos, que consiste em selecionar citações importantes para construir argumentos, anotando comentários e situando a obra do romancista em um contexto autobiográfico. Concluimos que, como leitora de Sterne, Woolf aprendeu o manejo técnico e estilístico do escritor e os colocou em prática em sua própria prosa.





Dois Navios de Guerra buscando sua Presa: incognoscibilidade, imperialismo e o declínio dos afetos em *The Voyage Out* de Virginia Woolf

Lindberg Campos
(USP)

Desde mais ou menos a partir do fim dos anos 1980 e começo dos 1990, quando aconteceu a consolidação da voga acadêmica pós-colonial, multiplicaram-se estudos que focalizaram as relações entre o modernismo e imperialismo europeus. Dentro dessa massa crítica, destacam-se os trabalhos que se dedicaram a precisar como uma das expoentes daquele movimento, Virginia Woolf, a um só tempo, expressou e se opôs ao fenômeno do imperialismo de sua época em seus escritos. Durante a comunicação, planejo resumir brevemente o episódio em que os Dalloways – Richard e Clarissa – fazem sua aparição entre os capítulos três e seis de seu romance de estreia *A Viagem* (*The Voyage Out*, 1915), enfatizando como ali se pode observar uma convergência entre a exposição do que é um componente vital da própria realidade e identidade nacional inglesa (*Englishness*), isto é, a posição particular dentro do Império Britânico, a incapacidade da protagonista, Rachel, de ler o mundo, as pessoas e articular verbalmente seus desejos, sentimentos e emoções, e a emergência de uma correspondente nova convicção na impossibilidade de se conhecer os outros por meio de relações interpessoais no espaço mundialmente ampliado pelo aprimoramento técnico dos meios de transporte, telecomunicações e dominação econômica. A hipótese é que em *A Viagem* nos deparamos com a percepção de uma crescente insuficiência do discurso direto convencional (conversas em forma de diálogo) para apresentar contradições, que vai cedendo espaço para o universo da sugestão, incerteza e indeterminação do inconsciente via sonho, imedaticidades, silêncios e incompreensões, prefigurando, em certa medida, a reviravolta estética da autora, que passaria a conceber o discurso indireto livre, ou fluxo de consciência, como princípio formal organizador de sua obra.





Mrs Dalloway e o Império

Marcos Soares
(USP)

Mrs Dalloway, uma das mais notáveis obras da escritora Virginia Woolf, foi publicado no período imediatamente posterior à conflagração da Primeira Guerra Mundial. Naquele momento de crise aguda das configurações geopolíticas que marcaram as lutas por poder na Europa no início do século XX, o romance faz inúmeras referências tanto aos conflitos sangrentos das batalhas (notadamente em torno do personagem de Septimus Warren Smith, um veterano de guerra), quanto às regiões do Império, aquelas áreas da vida nacional que permanecem centrais, mas “invisíveis” para os habitantes de Londres, a metrópole em que se desenrolam os eventos do romance. O objetivo desta fala é discutir os modos como a presença fantasmagórica do Império forma uma camada de significados que adensa não somente a ação e os objetos que marcam o andamento do entrecho e a percepção que as personagens têm deles, mas também a própria abordagem à experimentação modernista que famosamente marca a tessitura da obra. Tomaremos como pressuposto teórico algumas reflexões do crítico Fredric Jameson sobre as relações entre a presença do Império e o que ele chama de “ideologia do modernismo”, sua ênfase no “fazer novo” em meio ao conjunto de mudanças geralmente agrupadas sob o signo da modernidade.





***Mrs Dalloway* em meio ao modernismo e à modernidade**

Maria das Graças Gomes Villa da Silva
(UNESP)

Virginia Woolf viveu em um período de grandes transformações motivadas pelos efeitos históricos e sociológicos da Modernidade. O objetivo da palestra é demonstrar como essa alteração se manifesta no romance de 1925, *Mrs Dalloway*, acompanhada da consequente mudança estética ocorrida no trabalho da escritora. Mudança que, posteriormente, constituiu uma das características do Modernismo, movimento em que a escritora surge como importante expoente. Serão destacadas as questões estéticas, sociais, culturais e históricas: a força exercida pelo patriarcado, pelo império britânico e pelas guerras que levaram a escritora a dar uma nova forma ao gênero romance, empregando o monólogo interior indireto, a fragmentação e o trabalho com o passado e com a memória. A ênfase recai sobre o domínio perfeito das novas técnicas que abrem espaço para a exposição das experiências internas das personagens e para um número memorável de percepções.





Translating *Mrs Dalloway*: from German to Urdu, 1928-2024

Jeanne A. Dubino

(Appalachian State University, EUA)

Within 3 years of its 1925 publication date, *Mrs Dalloway* was translated first into German (1928) and then, through the decades, most recently into Urdu (2024). To date, this iconic novel has been translated into at least 35 languages spoken by people living in Western and Eastern Europe, South America, Asia and South Asia, and the Middle East and North Africa. A global industry of translation studies has arisen out of the translation of Woolf. The scholars who work in this industry write about a host of interesting challenges and issues: how to translate Woolf's free indirect discourse? How to handle her allusions? What are the political, marketing, gendered, academic and other contexts that make it possible and feasible to translate Woolf, especially *Mrs Dalloway*? How is *Mrs Dalloway* transformed in translation? Along with addressing these and other questions, I will consider, a la Brenda Silver, who writes in *Virginia Woolf Icon* (1999) about the many "versionings" of Woolf that began to appear at the end of the 20th century, the translations of *Mrs Dalloway* as, in themselves, versionings.



NOTA SOBRE OS ENVOLVIDOS NO EVENTO

Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos é Professora Titular Sênior de Literatura Inglesa e Comparada da USP, onde obteve a livre-docência, doutorado, mestrado e graduação em letras. Possui pós-doutoramentos pelas universidades de Manchester, Oxford e Cambridge. É autora, entre outros, de **Dez Lições sobre o Romance Inglês do Século XVIII** (Boitempo, 2002) e **A Formação do Romance Inglês: ensaios teóricos** (HUCITEC/FAPESP, 2007 – 2º lugar no Prêmio Jabuti 2008). É Coordenadora do Laboratório de Estudos do Romance e Bolsista de Produtividade 1A-CNPq.

Ana Carolina Mesquita é escritora, tradutora e doutora em Teoria Literária pela USP. Sua tese envolveu a tradução e análise dos diários de Virginia Woolf, atuando como pesquisadora visitante na Columbia University, em Nova York, onde trabalhou com os manuscritos de Woolf. Da autora, traduziu os **Diários**, ensaios como **Um esboço do passado** e **A morte da mariposa**, e contos como **Mrs Dalloway em Bond Street** e **O vestido novo** (todos publicados pela Nós). Dentre outras autoras que traduziu, estão Maya Angelou, Joan Didion e Jane Austen. É pesquisadora de pós-doutorado na Unicamp com bolsa da FAPESP na área de tradução e estudos culturais, e autora de **Prato Feito: As Políticas do Governo e a Literatura Infantil Brasileira** (Com-Arte/Edusp, 2010).

Maria Rita Drumond é professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto e membro permanente dos Programas de Pós-Graduação em Letras na mesma instituição e em Inglês: Estudos Linguísticos, Literários e Culturais e em Estudos da Tradução, ambos da Universidade Federal de Santa Catarina, onde ingressou na carreira e atuou de 2015 a 2021. É vice-presidente da International Yeats Society, membro do conselho consultor da Red à Latino-americana de Cultura Gráfica e bibliógrafa/historiadora da International Virginia Woolf Society. Criou, juntamente com a Profa. Maria Aparecida Oliveira, o Kyklos de Estudos Woolfianos (KEW), grupo de pesquisa dedicado a Woolf no Diretório Nacional do CNPq. Já organizou diversos congressos internacionais e é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq (PQ2) com projeto sobre a edição, tradução e recepção das escritas de vida de Woolf no Brasil.

Victor Santiago é professor de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal do Acre (Ufac). Doutor em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, 2022), é também mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ, 2018) e licenciado em Letras (Português-Inglês e respectivas literaturas) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio, 2014). É o responsável pela primeira tradução brasileira da comédia **Freshwater: a Comedy**, de Virginia Woolf, publicada sob o título **Freshwater: uma comédia** (Editora Nós, 2025). Também é coidealizador, tradutor, adaptador e dramaturgista da primeira montagem brasileira da obra, intitulada **Água Fresca: uma comédia de Virginia Woolf** (Sesc Ipiranga, 2025), uma adaptação cênica de **Freshwater: a Comedy**. Coorganizou os livros **Celebrando Virginia Woolf** (a_Teia, 2024) e **Vozes da Infância** (Edufac, 2023).

NOTA SOBRE OS ENVOLVIDOS NO EVENTO

Davi Pinho é professor Associado de Literatura Inglesa e membro permanente das especialidades Literaturas de Língua Inglesa e Teoria da Literatura & Literatura Comparada do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Bolsista de produtividade da FAPERJ e do Prociência, é autor, organizador e ensaísta de/em diversos títulos nacionais e internacionais. Entre suas últimas publicações estão ensaios nas coletâneas **Virginia Woolf – Objects, Things, Matter**, organizada por Laci Mattison (Edinburgh University Press, 2025), e **Formas do Eu na Literatura e na Filosofia** (7Letras, 2025), a qual também assina enquanto coorganizador. É membro da International Virginia Woolf Society e faz parte do Editorial Advisory Board da série Virginia Woolf: Variations, comissionada pela Edinburgh University Press.

Maria Aparecida Oliveira é professora adjunta de língua e literatura inglesa na Universidade Federal da Paraíba. Entre 2016 e 2017, realizou seu pós-doutorado na Universidade de Toronto. Sua tese **A representação feminina na obra de Virginia Woolf** foi publicada pela Paco Editorial, em 2017, em inglês pela Lambert Academic Publishing no mesmo ano, e em espanhol pela Cuarto Propio em 2020. Suas publicações mais recentes são **Conversas com Virginia Woolf**, organizada por ela, Davi Pinho e Nicea Nogueira; **Vozes Femininas**, organizada por ela, Maysa Cristina Dourado e Patrícia Marouvo e **A Prosa Poética de Virginia Woolf**, organizada por ela, Lucas Leite Borba e Patrícia Marouvo. Além disso, tem um capítulo no **The Edinburgh Companion to Virginia Woolf and Contemporary Global Literature** (EUP, 2021).

Nícea Helena de Almeida Nogueira é professora de Inglês e Literaturas em Língua Inglesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG. Pós-doutora em Memória e Acervos pela Fundação Casa de Rui Barbosa, RJ, e Pós-doutora em Literaturas de Língua Inglesa pela UERJ com a pesquisa "O ensaio de Virginia Woolf como forma: reverberações no Brasil". Mestre e Doutora em Letras: Teoria da Literatura pela Unesp-São José do Rio Preto, SP. Líder do Grupo de Pesquisa "Travessias e Feminismo(s): estudos identitários de autoria feminina" e pesquisadora do Grupo "KEW - Kyklos de Estudos Woolfianos" (CNPq).

NOTA SOBRE OS ENVOLVIDOS NO EVENTO

Lindberg Campos é professor de literatura inglesa na Universidade de São Paulo. Entre as suas publicações destacam-se parte da organização da coletânea **Estudos de Poesia em Inglês** (Mercado de Letras, 2024), onde contribui com o capítulo “A Política Musical da Poesia Afro-Americana”, e os artigos “A Santa Joana dos Matadouros como Crítica do Modo de Representação Capitalista” (Germinal, 2023), “Ascensão do Inglês em São Paulo” (Timo, 2023) e “A Laranja Mecânica de Stanley Kubrick” (Margem Esquerda, 2020).

Marcos Soares possui graduação em Inglês pela Universidade de São Paulo (1990) e doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (2000). Fez pós-doutorado na Universidade de Yale, EUA (2004) e na Universidade de Columbia, EUA (2012). É Professor Livre-Docente da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Inglesa e Norte Americana, atuando principalmente nos seguintes temas: crítica materialista, narrativa e história, cinema e romance norte-americano. É autor de **Figurações do falso em Joseph Conrad** (Humanitas, 2013). Sua tese de Livre-Docência se intitula “A alegria da experimentação, o trabalho colaborativo e a política das formas: Robert Altman nos anos 70”.

Maria das Graças Gomes Villa da Silva é professora aposentada da Faculdade de Ciências e Letras, da Unesp, Campus de Araraquara. Publicou os livros **Momentos de ser em Virginia Woolf, Clarice Lispector e Alice Munro** (Appris Editora, 2020), **O Horror antigo e o Horror Moderno em ‘O Tempo e o Vento’ e ‘Noite’, de Erico Verissimo** (Cultura Acadêmica Editora, 2004) Ajudou a organizar o livro **A prosa poética de Virginia Woolf** (Ape’Ku, 2021), onde contribuiu com o capítulo “The Waves e a prosa poética de Virginia Woolf”, publicou “Londres em Mrs Dalloway e City of the Mind e a representação do trabalho da memória” na coletânea **Memória e suas interfaces** (EDUFES, 2016) e o artigo “A representação do trabalho da memória e a busca da identidade em The Voyage Out, de Virginia Woolf” (Revista Cerrados, V. 21, 2012).

Jeanne Dubino is a professor of English, Global Studies, and Animal Studies at Appalachian State University, North Carolina, USA. She has been a visiting assistant professor of literature and Women’s Studies at Bilkent University, Turkey; a Fulbright Scholar/Researcher at Egerton University, Kenya; Fulbright Specialist at Northeastern University, China, and the Federal University of Paraíba, Brazil; and visiting scholar at Ain Shams University, Egypt. Her publications include collections, essays, articles, and reviews on Virginia Woolf, 20th-21st-century Anglophone literatures, Animal Studies, travel, and gender. She is currently working on a monograph on stray/street/free-ranging dogs in literature.